CLARICE LISPECTOR: UMA HISTÓRIA VIVIDA EM PALAVRAS

AILTON SIQUEIRA DE SOUZA FONSECA[1]

MÍRIA HELEN FERREIRA DE SOUZA[2]

RESUMO

Este artigo lança um olhar acerca da subjetividade/particularidade do mundo clariceano dispostas em literaturas que assentam o ser humano como objeto central. Objetiva evidenciar as contribuições da literatura clariceana para a constituição do processo autoformativo, por meio de um estudo bibliográfico. As obras clariceanas representam um nó relacional entre o homem e suas incompletudes e refinam as possibilidades de constituição de um sujeito protagonista de si. Para este trabalho, elegemos as obras infantis *O mistério do coelho pensante* e *A vida íntima de Laura* dessa escritora brasileira.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Literatura. Autoformação.

CLARICE LISPECTOR: A STORY LIVED IN WORDS

ABSTRACT

This article looks at the subjectivity/particularity of the claricean world arranged in literature that establishes the human being as a central object. It aims to highlight the contributions of claricean literature to the constitution of the self-formative process, through a bibliographic study. Claricean works represent a

[1] Professor Doutor, do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: ailtonsiqueira@uol.com.br
ORCID:
http://orcid.org/0000-0003-2031-0711

[2] Professora Mestra, do Departamento de Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: miriahelen@hotmail.com

relational knot between man and his incompleteness and refine the possibilities of constituting a subject that is the protagonist of himself. For this work, we have chosen the children's works The mystery of the thinking rabbit and The intimate life of Laura by this Brazilian writer.

Keywords: Clarice Lispector. Literature. Self-formation.

INTRODUÇÃO

Este texto é resultante de estudos realizados no Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM) da Faculdade de Ciências Sociais (FAFIC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Sua temática pretende invadir o mundo de Clarice Lispector em todas as dimensões pessoais, experienciais e cósmicas vividas pela autora, a fim de compreender segredos tecidos num processo de autoformação plural, compreendida, aqui, como modelo de formação constante e contínua que acontece na relação do sujeito consigo, com os outros e com o ambiente em que vive (GALVANI, 2002).

É uma pesquisa bibliográfica que tomou como ponto de partida a releitura de aportes teóricos que discutem as temáticas nele instituídas. Dentre outros que possibilitaram traçar o percurso de escrita desse texto, citamos: Borelli (1981), Fonseca (2007; 2009); Freire (1996), Gotlib (2013), Klôh (2009), Morin (2007), Oliveira (2007), Rocha (2011), Sá (1979; 2007), Souza (2014), Vygotsky (1998), Tiesenhausen (2007), Todorov (1996).

A primeira parte relata a trajetória da vida de Clarice Lispector; a segunda, centra o olhar nos devaneios literários clariceanos que reconhecem o homem como objeto principal. No terceiro momento, evidencia-se a relação de Clarice Lispector com a literatura infantil, a partir do mergulho nos mistérios encantados de duas obras autorais, *O mistério do coelho pensante* e *A vida íntima de Laura*.

Nas conclusões finais, imprime-se o aprendizado adquirido por meio da vida de Clarice Lispector frente ao processo de autoformação humana constituído por meio da palavra lida/escrita.

1 CLARICE LISPECTOR: UMA VIDA EM VERSO E PROSA

"Clarice Lispector não nasceu Clarice. A menina nasceu Haia" (KLÔH, 2009, p. 12), palavra hebraica que significa vida. Haia Pinkhasovna Lispector era seu nome completo, o que combinou com a sua proprietária por ser ela um sujeito cheio de vida por dentro. Uma vida que não se conformou em viver enquadrada numa forma única porque ansiava saltar entre dois pólos: o de dentro e o de fora, já que a fusão das coisas aparentemente (im)possíveis imprimia um enfoque místico em seu íntimo e convertia o olhar para o que é externo e interno em si.

Clarice nasceu aos 10 de dezembro de 1920, na cidade ucraniana de Tchetchelnik, dois anos após o fim da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), e mesmo já morando no Brasil, sendo descendente de judeus, vivenciou os horrores do período da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1940).

Sua infância foi marcada por transformações desde a imigração para o Brasil em março de 1922 com dois anos de idade, junto ao pai Pedro Lispector (Pinkhouss), a mãe Marieta Lispector (Mània) e duas irmãs, Tânia de 6 anos e Léia (Elisa) de 9 anos. É nesse período, ainda criança, que ocorre a troca de nome de "Haia Pinkhasovna Lispector" para Clarice Lispector. Sérias crises financeiras, o choque frente ao aprendizado de uma nova cultura, várias migrações em estados brasileiros (Maceió, Alagoas, Pernambuco e Rio de

Janeiro) e a perda da mãe aos nove anos de idade (KLÔH, 2009), também foram dilemas vividos pela autora na infância.

No Brasil, a família Lispector sempre morou em casarões antigos alocados em bairros periféricos das cidades. Seu pai trabalhou na lavoura, vendeu tecidos, foi representante de firmas comerciais, fabricou sabão e recebia um salário considerado irrisório para a época.

A mãe sofria de paralisia e era cuidada por Elisa, de mais ou menos doze anos de idade, que também cuidava de Tânia e Clarice. “A doença da mãe e a pobreza foram, pois, fatos marcantes” (GOTLIB, 2013, p. 59). Um fator relevante na história de Clarice é que a mesma se sentia responsável pela patologia da mãe e devido ser muito ativa dizia que escondia de si a dor de ver a mãe doente.

Clarice foi aluna da rede de ensino público de Pernambuco e começou a escrever logo que aprendeu a ler. Aos nove anos de idade já estudava piano, hebraico e iídiche, língua falada pela comunidade judaico ortodoxa e também o russo que era o idioma de seus pais e sua língua materna (ROCHA, 2011). Aprendeu a falar, ler e escrever a língua portuguesa e, devido a ter o freio lingual preso detinha um sotaque parecido com o nordestino (GOTLIB, 2013).

Mantinha uma relação de amor com os animais, por isso, “sua obra inteira é povoada por bichos” (FONSECA, 2009, p. 10).

> Além de gatos e galinhas, haverá os bichos com nomes: o cachorro italiano Dilermando, o cachorro americano Jack, a miquinha Lisete, todos pertencentes a Clarice. E haverá outros bichos, de outras pessoas: a rata Maria de Fátima, o cão Bruno Barbieri de Monteverdi e a cadela Bolinha. Alguns não serão identificados pelo nome e aí o repertório será farto: coelhos, leão, girafa, macacos, peixes, búfalos, baratas, pombos, lagartixa, pintos, periquitos, ratos, cavalos, patos, quati, cães, eles também “seres” com verdadeira carga instintiva, selvagem, pura (GOTLIB, 2013, p. 66. *Grifo da autora*).

Ao retratar literariamente os animais, “Clarice se utiliza da figura animal para destacar a condição de animalidade que existe dentro dos seres humanos” (SOUZA, 2014, p. 115). O amor pelos animais é evidente em quatro de suas cinco obras infantis: *O mistério do coelho pensante, A mulher que matou os peixes, Quase de verdade* e *A vida íntima de Laura*.

Outra especificidade do comportamento clariceano é a necessidade de companhia, afeto e carinho. Na infância, Clarice ficava ao pé da escada convidando as crianças que passavam na rua para brincarem com ela. Brincar e inventar eram uma aventura, no entanto, a solidão acompanhou a menina desde muito cedo e isso pode ter sido injetado em seu narrar quando empreende a existência de seres imaginários nas obras *Perto do coração selvagem* e *A vida íntima de Laura* (GOTLIB, 2013).

A arte teatral foi a fonte inspiradora para Clarice Lispector descobrir-se autora. Aos nove anos de idade escreveu uma peça em três atos, a qual intitulou *Pobre menina rica,* porém, os originais desse manuscrito foram perdidos. Em 1935, mudou-se para o Rio de Janeiro na companhia do pai e irmãs. Estudou Direito e trabalhou como jornalista. Casou, em 1943 com o diplomata Maury Gurgel Valente e, devido às inúmeras viagens do marido, morou em vários países. Casada há 16 anos, separou-se em 1959 e voltou ao Rio de Janeiro com os filhos, Pedro e Paulo (GOTLIB, 2013). Nesse período, passou novamente a sofrer dificuldades financeiras e para manter-se passou a usar pseudônimos para assinar páginas jornalísticas (ROCHA, 2011).

Clarice era considerada “uma pessoa muito discreta, reservada. Não gostava de dar entrevistas e, talvez, o lugar em que ela mais se encontra seja justamente sua ficção” (KLÔH, 2009, p. 13). Em dezembro de 1977, a autora morreu, vítima de câncer (ROCHA, 2011).

2 CLARICE E A LITERATURA: O DESVELAMENTO DO HOMEM

Na opinião de Aílton Fonseca (2007, p. 11), “Falar de Clarice Lispector (1920-1977) e sua obra exige abertura dialogal” (FONSECA, 2007, p. 11). Esta frase sugere que Clarice vivia as palavras que escrevia e, para entender isso é preciso estar preparado para o inesperado. A vida de Clarice sempre foi distanciada das convenções as quais os sujeitos estão habituados - aniversários, datas comemorativas, festas sociais -, por esse motivo é que o autor referido reforça a invisibilidade das coisas que são ou, repentinamente, deixam de ser, porque são compostas de perguntas que, ao invés de induzirem respostas, estão sempre gerando novos questionamentos. Na visão de Clarice Lispector a pergunta “é mais importante que a resposta” (BORELLI, 1981, p. 78) por ser uma prática que dá sentido à existência.

A relação de Clarice com a literatura foi uma história de amor cerceada pelo golpe da paixão e da desilusão, do encontro e do desencontro, da entrega e da fuga, do diálogo e do silêncio, do amar e não-amar, de sentimentos que arrebatam a consciência do homem e o transfere a destinos indizíveis, únicos e plurais. “Abriga uma inquietante e desafiante cosmovisão de mundo e de homem [...] que, por um estranho paradoxo, somente a palavra pode fazê-la comunicante (FONSECA, 2007, p. 11). O autor faz um chamamento para as estranhezas refletidas nas obras literárias clariceanas ao atentar que o homem e seus segredos mais íntimos eram o objeto de estudo de Clarice. Isso se reafirma quando Clarice desenha que todos os homens são uma pergunta e o que conhecem de si é muito pouco.

Na condição de garimpeira de intimidades, Clarice se utiliza da palavra comunicante para buscar o desvelamento dos mistérios e amores humanos, bem

como, “a surpresa diante do mistério da vida e do amor, ou diante dos ‘caminhos secretos da natureza’, produto de agudo senso de observação, por vezes um tanto cômica, será o motivo principal de suas histórias” (GOTLIB, 2013, p. 81. Grifo da autora). A sutileza inquietante de suas palavras levava os críticos da literatura a definirem-na como escritora hermética e difícil, suposições negadas com base na perspectiva de que a sintaxe é “o que em seus textos causa estranheza” (SÁ, 2007, p. 127).

> Os imperfeitos do indicativo, os sinais de pontuação que começam as histórias ou desaparecem no final dos contos de Clarice Lispector representam um jogo de pensar. Uma metáfora que desnivela a língua materna e somente cria sentido aos olhos de quem lê abraçado com a poética da vida (SOUZA, 2014, p. 115).

Pode-se perceber que a gramática usada por Clarice desrespeitava as convenções da ordem da língua portuguesa, mas atribuía importância aos sentidos que os elementos ortográficos causavam em seu leitor. Suas palavras, algumas vezes, evidenciavam e, em outras, omitiam sensações verdadeiras despidas de falsidades ideológicas, conforme apontado na citação anterior.

O modo de escrever clariceano atraiu a atenção dos críticos literários e leitores desde a escrita de seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem.* Os críticos não compreendiam suas escrituras como uma renovação para a literatura brasileira e mundial (KLÔH, 2009), haja vista que,

> Sua obra é uma grande interrogação sobre os mistérios do homem, da vida, do mundo, da linguagem, da existência. Explicá-la pode empobrecê-la. Defini-la pode matá-la. Ela mesma refere-se a isso em *Água viva* quando diz: “Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais” (FONSECA, 2007, p. 11).

Em conformidade com o exposto pode-se reconhecer que

> o jeito de escrever de Clarice Lispector se afasta do que deseja ser entendido ou daquilo que depende de explicações porque suas escrituras são tecidas de sentimentos que dominam o homem e não de meras palavras. É uma combinação surpreendente de vocábulos que denotam uma exuberância verbal repleta da coisa que pulsa internamente (SOUZA, 2014, p. 111-112).

A arte literária foi o meio escolhido por Clarice para fomentar no homem o autoconhecimento. O legado de suas obras permeia a busca pela magia de ser, sentir e de viver imbricada nas histórias que escrevera desde que se descobriu escritora ainda na infância, no entanto, nenhum dos escritos produzidos quando criança jamais fora publicado, visto que o modo de escrever clariceano não dispunha de fatos e enredos, mas de sentimentos e sensações (ROCHA, 2011).

Publicou em maio de 1940 um conto denominado *Triunfo*, no semanário "Pan" de Tasso da Silveira. Perdeu seu pai nesse período. Em 1943, publicou "*Perto do coração selvagem"*, obra pioneira agraciada com "o prêmio Graça Aranha de melhor romance do ano anterior" (ROCHA, 2011, p. 186-187). Lançou um segundo livro em 1946, *O lustre*. Depois, em 1949, nasceu a obra *A cidade sitiada.*

Em 1960, lançou a obra *Laços de família* a qual recebeu o prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro em 1961. Neste ano lançou o romance *A maçã no escuro* que fora condecorado com o título de melhor livro e ganhador do prêmio Carmem Dolores Barbosa. No ano de 1964, publicou os contos que compõem *A legião estrangeira* e o romance *A paixão segundo G.H.* (ROCHA, 2011).

Em 1967, Clarice assumiu a função de cronista no *Jornal do Brasil*. Surgiu nesse período o seu primeiro livro infantil, *O mistério do coelho pensante*, que, em maio de 1968, foi premiado com a Ordem do Calunga, prêmio concedido pela Campanha Nacional da Criança. Logo em seguida lançou *A mulher que matou os peixes.* No ano seguinte, publicou *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, obra agraciada com o Golfinho de Ouro do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (ROCHA, 2011).

O livro de contos *Felicidade clandestina* eclodiu em 1971. Dois anos depois lançou o romance *Água viva* e o livro de contos *A imitação da rosa.* Dois livros de contos, *A via crucis do corpo* e *Onde estivestes de noite,* e a obra literária infantil *A vida íntima de Laura,* são publicados em 1974. Em 1975 lançou uma coletânea de crônicas intitulada *Visão do esplendor – impressões leves* e o livro de entrevistas ao qual denominou *De corpo inteiro.* Seu último livro, *A hora da estrela,* foi lançado em outubro de 1977, antes do seu falecimento que aconteceu em dezembro do mesmo ano (ROCHA, 2011).

Em 1978 são publicados: o romance *Um sopro de vida,* o livro infantil *Quase de verdade* e a coletânea de crônicas *Para não esquecer*. A obra *A hora da estrela* recebeu o prêmio Jabuti de melhor romance. No ano de 1979 é lançada a obra *A bela e a fera.* Em 1984 uma coleção das crônicas escritas por Clarice Lispector para o Jornal do Brasil é publicada com o título *A descoberta do mundo* (ROCHA, 2011).

É nuclear mencionar que todas as suas obras trazem a evidência de que o homem não quer entender o mundo que vê, mas o mundo que sente. Os personagens clariceanos “se despojam, inesperadamente, do conhecimento que têm para construir o conhecimento de si” (FONSECA, 2007, p. 15). Clarice usava o que sentia como inspiração para escrever. Isso está constatado na declaração

de que nunca gostou da eternidade, mas só tomou consciência disso na fase adulta ao relembrar que havia ganhado da irmã uma bala que não acabava nunca. Esse sem-fim mastigável e sem sabor a fez deixar cair no chão o chiclete, como se fosse por acaso, para não magoar a irmã. Tal fato significou a retirada de um peso sobre Clarice, sensação que relatou, quando adulta, na crônica *Medo da eternidade,* publicada no Jornal do Brasil em 6 de junho de 1970 (GOTLIB, 2013).

Medo e coragem são constitutivos da condição humana e são sinônimos dos paradoxos que circundam o jeito clariceano de escrever. Do conjunto de sua obra, duas serão apresentadas a seguir, com o intuito de reprisar que, independente de ser adulto ou criança, o leitor necessita mergulhar num estado de encantamento que lhe possibilite a consciência de si. São elas, *O mistério do coelho pensante e A vida íntima de Laura.*

3 MISTÉRIOS ENCANTADOS NAS OBRAS INFANTIS CLARICEANAS

O pensamento nasce através das palavras e isso implica o ensino da compreensão e não apenas a “escrita das letras” (VYGOTSKY, 1998, p. 157). Como todos os seus outros aportes literários, as histórias infantis que Clarice escreveu não começavam nem findavam, apenas acontecem.

3.1 O mistério do coelho pensante

Obra pioneira na literatura infantil clariceana, foi escrita em 1967 para atender ao pedido de Paulo, filho da autora e dono do coelho Joãozinho que fugia diariamente de sua gaiola e sempre retornava. Esse conto “é uma coleção de palavras repletas de imagens, movimentos, cores, ideologias, vozes e silêncios” (SOUZA, 2014, p. 123) porque é narrada de um modo afetuoso, numa atmosfera de tranquilidade em que o faz-de-conta parece uma experiência real.

Ao abrir o livro, o leitor se depara com uma alerta da autora acerca da importância do diálogo entre a criança e seus familiares após a leitura do conto. Abrir-se ao diálogo é orientar para o enfrentamento de desafios, aspecto que compõe a prática educativa e que é de responsabilidade de todos os sujeitos sociais que, de um modo ou de outro, assumem a postura docente em algum momento da vida (FREIRE, 1996).

A narrativa conta a história de um coelho branco, gordo e cheio de ideias, de nome Joãozinho. Na trama, o coelho foge da gaiola onde mora, inicialmente quando sente fome, no entanto, toma gosto pelas fugidas que dá e passa a praticar a ação continuamente. Para Clarice, o que acontece com Joãozinho é algo inimaginável: ele tem ideias que são pensadas pelo nariz (LISPECTOR, 1999). É como se ele sentisse as ideias, o pensamento fosse estimulado e o conhecimento fosse adquirido por meio do sentir. Essa tríade alicerça a convicção de que a autora não espera que o leitor acredite ou entenda a moral da história, apenas viva, por meio do imaginário, a magia de não compreender o experimentado pelo coelho e pelo seu dono.

A história de Joãozinho se repete em outras narrativas de sua autoria por representar uma conversa íntima porque fala da vida, dos afetos, dos segredos

que tecem uma existência. Significa dizer que todos têm segredos e isso é inevitável, pois, cada ser tem particularidades imensuráveis guardadas num álbum interior (MORIN, 2007).

Diferente dos outros personagens-animais, o protagonista desta obra "nunca disse uma só palavra na vida" (Lispector, 1999, s/p), no entanto, o seu silêncio era comunicante. Clarice usava o coelho como amostra do homem, aprendiz da vida. Uma metáfora para incentivar a possibilidade de despertar no leitor o olhar para si, para dentro, e a descoberta das virtudes inatas na natureza humana. Por esta obra, a riqueza de pensar livremente é a mola propulsora da fuga. A ideia do coelho Joãozinho era "fugir da casinhola todas as vezes que não houvesse comida na casinhola" (LISPECTOR, 1999, s/p). É preciso correr o risco de fugir sempre que tiver necessidade de se encontrar, pois, a história retrata que quem está preso na grade não é o coelho, mas o homem.

A trama é um misto de ficção e realidade com peculiaridades surpreendentes como é o fato de o coelho compreender o mundo pelo cheiro. "Esse é um dos mistérios que circunda o viver. Só se conhece o cheiro das coisas quando é possível experimentá-las" (SOUZA, 2014, p. 126). Há também um "*caráter "esfingético*"" (Fonseca, 2009, p. 10 (grifo do autor)), nessa narrativa clareceana, pois Joãozinho pensava com o nariz, farejava as ideias. Pensar e sentir estão, assim, entrelaçados. Em várias passagens, Clarice mostra o movimento articulado do nariz do protagonista como um instante de pensar e descobrir algo.

> É que ele pensava essas algumas ideias com o nariz dele. O jeito de pensar as ideias dele era mexendo bem depressa o nariz. Tanto franzia e desfranzia o nariz que o nariz vivia cor-de-rosa. Quem olhasse podia achar que pensava sem parar. Não é verdade. Só o nariz dele é que era rápido, a cabeça não. E

> para conseguir cheirar uma só ideia, precisava franzir quinze mil vezes o nariz.
> [...]
> um dia o nariz de Joãozinho conseguiu farejar uma coisa tão maravilhosa que ele ficou bobo. De pura alegria, seu coração bateu tão depressa como se ele tivesse engolido muitas borboletas. Joãozinho disse para ele mesmo:
> — Puxa, eu não passo de um coelho branco, mas acabo de cheirar uma ideia tão boa que até parece ideia de menino!
> [...]
> Joãozinho começou então a trabalhar nessa ideia. E para isso precisou mexer tanto o nariz que dessa vez o nariz ficou quase vermelho (LISPECTOR, 1999, s/p).

Joãozinho vivia numa gaiola de grades estreitas. Como se explica um coelho gordo poder atravessá-las? Esse era um dos mistérios elencados pela autora. Outro enigma intrigante era o motivo da fuga, pois, o coelho era bem alimentado, então, não era fome. As fugas secretas do protagonista geram diversas inquietações no leitor que, sem perceber, inicia um processo investigativo e, consequentemente, fomenta a interação com o texto em busca de respostas para a pergunta que a autora faz ao dono do coelho fujão: “Bem, Paulo — mas eu continuo a lhe perguntar o seguinte: como é que o coelho branco saía de dentro das grades?” (LISPECTOR, 1999, s/p).

Esta trama literária não descreve o curso total dos acontecimentos, mas possibilita ao leitor a criação de sugestões sobre o mistério em discussão. As respostas não estão evidentes e são sempre elementos para novas perguntas permeadas por suposições como Joãozinho tinha “fome de liberdade” (Souza, 2014, p. 127), ou, que a fuga do protagonista é um momento de novas descobertas, porém seguida do retorno à sua origem (Fonseca, 2009), assim como fazem os humanos, aspecto que se reconfigura na afirmação de que

“fisicamente, podemos estar presos, mas, nossa mente é livre. Não há elos que possam aprisionar o pensamento” (OLIVEIRA, 2007, p. 119).

Sob a ótica clariceana, as crianças não têm “natureza boba” (Lispector, 1999, s/p), por isso, são capazes de reconhecer a pertinência de investigar situações recorrentes em suas vidas e buscar meios de solucionar problemas. Esta é uma forma carinhosa que a escritora encontrou de fomentar a compreensão acerca das coisas que acontecem e incentivar o enfrentamento de situações recorrentes na vida. Tal perspectiva caracteriza a narrativa como educativa porque transita na temática do viver. Há uma aura de mistério que envolve o coelho e o sujeito leitor, aprendentes de si, por meio do ir e vir, e a preparação para experiências futuras. Os diálogos recorrentes nas obras infantis de Clarice Lispector traduzem existência e sentido e ensinam à criança a viver num mundo encantado de adultos e de mistérios (TIESENHAUSEN, 2007).

A obra, que mais parece uma história policial, continua inexplicável até o fim porque é recheada de plurissignificações. Compreendê-la fica por conta da imaginação que é o melhor instrumento que o homem carrega consigo para dialogar com seus enigmas. Nem Joãozinho sabia como conseguia fugir da casinha. Essa estranheza revela a sensação de que o homem é sempre o enigma.

3.2 A vida íntima de Laura

Este é o terceiro livro da série infantil que Clarice Lispector escreveu e que fora editado pela primeira vez pela José Olympio Editora, em 1974. É composto por uma linguagem simples, intertextual, metalinguística e tematiza o indizível, características próprias do modo de escrita clariceano, pois,

> propõe um diálogo entre o sujeito e o texto, entre o universo da galinha e a vida íntima do leitor, conferindo assim uma relação intrínseca entre a criança, o adulto, o animal e o gênero literário. As vozes do texto dialogam com as vozes não ditas do leitor, proporcionando um envolvimento do ser com ele mesmo. É essa escritura que, ao enovelar o leitor com ele mesmo, estimula a formação humanística da criança e abre portas para a autoformação, tendo em vista que o leitor se coloca em busca de novas aprendizagens e saberes complementares as suas questões existenciais ou formação (SOUZA, 2014, p. 117).

Na dialética estabelecida com o leitor, a narrativa esclarece que o desenvolvimento da consciência se revela na vida íntima, visto considerar ser possível fazer “da descoberta do cotidiano uma aventura possível” (SÁ, 1979, p. 26).

A trama acontece no quintal de uma casa. Seus personagens são a galinha Laura, protagonista da história; seu marido, o galo Luís e outras aves que vivem no mesmo espaço. A autora estreia o texto apresentando a definição de vida íntima: “Vou logo explicando o que quer dizer “vida íntima”. É assim: vida íntima quer dizer que a gente não deve contar a todo mundo o que se passa na casa da gente. São coisas que não se dizem a qualquer pessoa” (LISPECTOR, 1998, s/p).

Esse jeito de iniciar a história estimula o leitor a perceber os segredos residentes em sua subjetividade e, ainda, o encoraja “a assumir e respeitar sua vida, a guardar para si os fatos pessoais, fatos que conferem identidade e poder exatamente por não serem desvelados” (SOUZA, 2014, p. 117).

A descrição da galinha Laura é feita com cautela porque contraria os padrões de beleza exigidos socialmente e que se presentificam nos personagens das histórias infantis. Laura é feia, burra, simpática e não pensa certo. Por meio

desse retrato, Clarice “desconsidera a divisão do sujeito em suas características físicas, morais e intelectuais” (SOUZA, 2014, p. 118) e focaliza o sujeito como um holograma.

Outros elementos pontuais desta história são: a evidência de que a história da galinha Laura é tecida com a interação do leitor; a instituição de um monólogo interior que se revela por meio do poder do pensamento (SÁ, 1979); e, a reflexão sobre a relação com o outro, focalizando as diferenças e similaridades.

A galinha Laura está sempre com fome. Isso é o indício de que a escassez de sentimentos que circunda a vida da personagem é o que a deixa faminta o dia inteiro, já que está sempre em busca de algo que a preencha. Quer ser vista, valorizada, amada, assim como todo ser humano tem a necessidade do outro para preencher o viver, sentir que é e existe (Todorov, 1996), pressupostos que asseguram a eterna busca pela formação humana frente à consciência de sua incompletude (FREIRE, 1996).

Na narrativa, a morte, o desconhecimento das coisas, a existência humana, os maus hábitos, a luta pelo poder, o conhecimento de si, a convivência com o outro, as relações com seres fictícios e os significados plurais de viver são recorrentes.

A história de Laura é repleta de polaridades que concretizam o sujeito em formação/autoformação, como: beleza/feiura, intelectualidade/pensamento, segredo/revelação, verdade/mistério. Com ela, aprende-se sobre os castelos secretos onde estão guardados mistérios que garantem a tutoria da vida. De modo plural, a narrativa clariceana enfatiza a beleza que vem de dentro e reforça a necessidade que o sujeito tem de olhar-se pelo avesso.

O exercício de olhar para dentro de si mesmo numa perspectiva autoformativa remonta a ideia de que viver intensamente, compreende um plano futuro inundado pela compreensão de que o passado e o presente constituem o humano (GALVANI, 2002). Isso era recorrente no percurso da protagonista Laura quando buscava outras formas de refazer-se sempre que a fome de ser ou não-ser emergia em seu íntimo. Portanto, ampliar a faculdade de olhar-se é uma tarefa diária que remonta o sujeito a experienciar deformações que se reformam misteriosamente revelando que as pluralidades existentes em Laura também habitam dentro de cada um de nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre Clarice Lispector demanda mergulhar numa vida cerceada de palavras que respiram vigor e inspiram o nascimento de outras. É um círculo onde de cada registro respinga um turbilhão de sentimentos e saberes que se tecem implicitamente assim como foi a vida da autora, cercada de mutações desde o momento de seu nascimento.

Clarice não vivera momentos singulares, pois, de cada um dos seus instantes ressurgia um novo jeito de viver, às vezes, doído, outros prazerosos. Assim, sua vida ia sendo tecida até o momento em que percebeu a capacidade que detinha de desfiá-la em palavras e assumir que escrever é preciso, pois, escrevendo o sujeito está a desenhar a si, ou seja, autoformando-se.

A mudança de nome, a infância sofrida, a perda da mãe, dentre outros acontecimentos, não parou Clarice. Ao contrário disso, foram vetores de uma nova forma de olhar, ser e viver intensamente que a autora adotou. Casou, foi mãe, separou, porém, a arte de escrever sentimentos nunca a desamparou.

A tessitura de suas narrativas literárias traz implicada nas entrelinhas a fortaleza do ser incompleto que busca encontrar-se. Basta olhar o contexto das narrativas literárias, *O mistério do coelho pensante* e *A vida íntima de Laura*, para ter-se a consciência de que são histórias criadas de dentro para fora.

Não há objetivos preestabelecidos para a leitura destes contos, apenas têm-se como requisito o mergulho no imaginário. O leitor clariceano não precisa entender o que está escrito, mas, sentir o doce/amargo sabor de viver pedaços de sua vida descritas em literaturas que invadem o âmago e reviram o que se tem de mais humano.

Mexer por dentro pode ter sido a intenção de Clarice Lispector quando escrevia, já que suas obras promovem um diálogo incessante entre o leitor e as suas inquietações, sua vida íntima, seus segredos, suas fugas e o usufruto da liberdade. Desse modo, a literatura clariceana atravessa o homem e o faz experimentar uma vida plural que culmina num processo autoformativo no qual a construção e desconstrução de si acontecem simultaneamente.

A autoformação espelhada nas obras literárias aqui discutidas, revela-se como algo que está no sujeito e vai sendo fomentada no decurso do viver. Basta conceber que a fome que se institui nos protagonistas das histórias, retrata as mesmas fomes que se tem quando o desejo por algo assume espaço na vida. A ânsia pela saciedade é uma marca da escritura clariceana que se alimenta da busca, fator imprescindível ao processo autoformador. E nisso, tanto Joãozinho como Laura, eram incansáveis. Assim também é com o ser humano que busca, na palavra, o alimento para a alma.

Viver e escrever. Estes podem ter sido os princípios traçados por Clarice Lispector para desvendar o lado humano que existe dentro/fora de cada corpo que sofre, sente e renasce sempre que lê.

REFERÊNCIAS

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector:** esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FONSECA, Ailton Siqueira de Sousa. **A odisseia de si:** reconstrução do homem em Clarice Lispector. 228f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2007.

FONSECA, Aílton Siqueira de Sousa. A literatura e o ensino da condição humana. In: **Cadernos de educação**: reflexões e debates/contribuições analíticas de docentes da Metodista e da UERN. São Paulo: Universidade Metodista, nº 17, pp. 103-113, dez. 2009.

GALVANI, Pascal. A autoformação numa perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural. In: SOMMERMAN, Américo; MELLO, Maria F. de; BARROS, Vitória M. de. **Educação e transdisciplinaridade II**. São Paulo: TRION, 2002, p. 93-121.

GOTLIB, Nádia Battella. **Clarice:** uma Vida que se Conta. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

KLÔH. Suzana de Sá. **Clarice Lispector ao narrar-se**. 137f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas – Literatura Brasileira). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

LISPECTOR, Clarice. **A vida íntima de Laura.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR. **O mistério do coelho pensante.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007.

OLIVEIRA, Marcos Santos de. **O resgate do social na obra de Clarice Lispector.** 179f. Tese (Doutorado no curso de Letras). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2007.

ROCHA. Evelyn. (Org.). **Clarice Lispector.** Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011. (Coleção Encontros).

SÁ. Olga de. **A escritura de Clarice Lispector.** Petropólis: Vozes. Lorena: Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, 1979.

SÁ. Olga de. Somos seres úmidos e salgados: Clarice Lispector. **Ângulo**, Lorena, v. 111, p. 126-133, out./dez., 2007.

SOUZA, Míria Helen Ferreira de. **Literatura e formação humana:** nas entrelinhas das obras infantis de Clarice Lispector. 244 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró. 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TIESENHAUSEN. Sandra Vivacqua Von. A polifonia das vozes infantis em Clarice Lispector. **Ângulo,** Lorena, v. 111, p. 120-125, out./dez., 2007.

TODOROV, Tzevtan. **A vida em comum:** ensaio de antropologia. São Paulo: Papirus, 1996.